

Pomeranos em Santa Maria de Jetibá (ES): a re-construção de uma identidade

SANDRA MÁRCIA DE MELO*

RESUMO: o trabalho apresenta o processo ético-político percorrido pelos pomeranos residentes em Santa Maria de Jetibá no fortalecimento de uma identidade pomerana, a partir do reconhecimento de sua língua naquele município do Estado do Espírito Santo, que se autodeclara “a cidade mais pomerana do Brasil”. O movimento de cooficialização da língua pomerana conquistou a implementação de um programa municipal de educação – o Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo) – que mostra-se muito mais além do que um programa somente educacional, buscando estabelecer bases culturais daquilo que os moradores denominam como “Pomerânia Brasileira”. Em comum com a nação, as comunidades étnicas têm os mitos e memórias históricas comuns em alguns casos, além de associação a uma terra natal específica. Com efeito, os pomeranos que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX viveram em um ambiente em tudo desfavorável à manutenção de tradições. Deixados nos rincões de Santa Leopoldina, foram fortemente estigmatizados, sobretudo com relação ao seu modo de viver. Dessa forma, como *outsiders* no Espírito Santo, esses imigrantes buscam ressignificar sua própria identidade.

Palavras-chaves: Identidade – Pomerano – Santa Maria de Jetibá - Língua

ABSTRACT: this paper presents the ethical-political process coursed by the Pomeranians that live in Santa Maria de Jetibá in the strengthening of a Pomeranian identity, based on the recognition of their language in that municipality of the State of Espírito Santo, which declares itself "the most Pomeranian city in Brazil". The Pomeranian coofficialization movement has achieved the implementation of a municipal education program - the Pomeranian School Education Program (Proepo) - which is much more than an educational program, seeking to establish cultural bases of what the residents call as "Brazilian Pomeranian". In common with the nation, ethnic communities have the common historical myths and memories in some cases, in addition to association with a specific homeland. In fact, the Pomerans who arrived in Brazil in the second half of the 19th century lived in an environment that was unfavorable to maintaining traditions. Left in the corners of Santa Leopoldina, they were strongly stigmatized, especially in relation to their way of life. Thus, as outsiders in Espírito Santo, these immigrants seek to re-signify their own identity.

Key words: Identity – Pomeranian – Santa Maria de Jetibá – Language

INTRODUÇÃO

A Pomerânia era uma região litorânea, cujo nome em língua pomerana, *Pommerland*, quer dizer ‘terras junto ao mar’, expressão que remete à localização geográfica, nas terras baixas que abraçam o Mar Báltico, norte da Europa.

* - Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

Os historiadores não têm conclusão a respeito dos primeiros habitantes da região do que um dia foi a Pomerânia, hoje território que compõe a Alemanha e a Polônia. Mas arqueólogos descobriram, após escavações realizadas naqueles limites, povos que provavelmente viveram na Idade da Pedra Polida, ou Período Neolítico – de 5.000 até 8.000 a.C. (RÖLKE, 1996)

A Pomerânia possuía solo fértil para o plantio. E lá eram de fácil cultivo a cevada e o trigo. Além disso, possuía rios navegáveis com acesso ao mar. Por isso, era muito cobiçada, sendo palco de diversos conflitos, levando seu povo a passar por inúmeras batalhas de conquista que, ao logo do tempo, anexaram seu território à Suécia, à Prússia, até que por fim à Alemanha e à Polônia, vitimando a população pomerana. O resultado foi, praticamente, uma limpeza étnica.

Esses confrontos, que persistiram até a Segunda Grande Guerra, em 1945, resultaram no desaparecimento da Pomerânia, sendo ela dividida da seguinte forma: a República Democrática Alemã ficou com cerca de 30%, parte equivalente à Pomerânia de antes. O restante foi anexado à Polônia.

Mas enquanto essas lutas iam acontecendo muitos pomeranos, a partir da segunda metade do século XIX, decidiram emigrar em busca de novas oportunidades e paz. Assim, o Novo Continente tornou-se uma excelente possibilidade.

Para o Brasil, então criou-se um momento apropriado para o governo de Dom Pedro II (1840-1889) propagar nessa Europa combalida que essas terras tropicais eram férteis e abundantes, sendo uma excelente chance àqueles desejosos em ter como propriedade um pedaço de terra.

Nesse período, A economia aqui estava em pleno vigor. O café era exportado principalmente para a Europa, e havia escassez de mão de obra, e o Brasil, um dos últimos a abolir a escravidão nas Américas, foi diretamente impactado pela pressão política externa e por não ter conseguido escravizar o índio².

Então, o movimento de parlamentares no sentido de admitir no Brasil a chegada de imigrantes para substituir os escravos nas lavouras foi intenso. Os parlamentares, mesmo divergindo, iam ao encontro de interesses comuns. Reis&Andrade (S/D), assim resumem:

... Nas discussões no Parlamento poder-se-ia observar duas posições quanto à imigração e que apesar de atenderem a interesses diferentes, não divergiam, quais sejam: a posição do governo (oficial), que seria a de promover e incentivar a imigração com o objetivo de povoar e desenvolver áreas ainda improdutivas ou pouco desenvolvidas tanto no interior quanto no litoral, posição essa que se definia por meio do projeto de colonização através da formação de núcleos coloniais, que

² A região do Espírito Santo era povoada pelos índios Botocudo.

seriam o incentivo maior para se obter uma corrente imigratória espontânea, e a posição dos grandes proprietários, apreensivos diante da crise de mão-de-obra após a abolição do tráfico negreiro, os quais viam na importação de trabalhadores europeus, a substituição do braço escravo na lavoura de café em franco processo de expansão. (REIS; ANDRADE, S/D, p. 4)

Por isso, o Brasil deu preferência na recepção de imigrantes de origem camponesa para que já estivessem familiarizados com o seu cotidiano. Ademais, elegeram os imigrantes europeus, tidos como “industriosos” (SEYFERTH, 2000). Além disso, “os Europeus funcionariam como exemplos aos brasileiros nativos que “vegetavam” em economias extrativistas ou de subsistência sem empenhar-se na produção para a exportação” (FISCHER, 2008). E, por fim, mais dois componentes juntam-se a esse:

Manifestações de mudança econômica e a ideia do ‘branqueamento’ da população brasileira faziam parte do discurso das elites intelectuais e políticas, que viam na imigração a solução para os problemas do país.” (SAVEDRA; RODRIGUES, 2017, p. 8)

Nessa leva imigratória os pomeranos, então, começaram a chegar ao Império do Brasil embarcados, em grande maioria, nos portos da Prússia, vindos da Pomerânia Ocidental (na Alemanha) ou da Província da Pomerânia (então sob o domínio do Império Prussiano).

Famílias inteiras seguiam rumo, principalmente para o sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), mas boa parte seguiu para o Espírito Santo³. Registros informam que os primeiros chegaram ao Espírito Santo em 1859, embora o trabalho de Franceschetto (2014) aponte dois registros de entrada de pomeranos no porto de Vitória no ano de 1857, quando o senhor Ernest Adam e senhora Wilhelmine Adam chagaram no navio Mercury, a 7 de março daquele ano.

Como o casal Adam, a grande maioria dos pomeranos foi destinada para a Colônia Imperial de Santa Leopoldina, recém-demarcada (1856), situada às margens do Rio Santa Maria da Vitória. Em 1870 chegou a maior quantidade de pomeranos à região; aproximadamente 1400 pessoas (CARVALHO, 1978).

Embora esses grupos de imigrantes fossem constituídos também de suíços, luxemburgueses, prussianos, holandeses, tirolezes, poloneses, dentre outras etnias, no momento do encaminhamento às colônias, alguns eram destinados para o mesmo local. Foi o caso dos luxemburgueses, que ficaram junto com os prussianos; os poloneses, com terras na mesma área reservada aos bavares e tirolezes. Os pomeranos foram encaminhados para um lugar específico daquela Colônia de Santa Leopoldina, praticamente isolada dos demais.

³ Com o passar do tempo, muitos pomeranos emigraram por todo o Brasil, mas especificamente Minas Gerais e Rondônia.

E foi nessa zona rural que em 1989 se instalou o município de Santa Maria de Jetibá, depois de ser considerado distrito de Santa Leopoldina até se emancipar, portanto uma zona periférica sem qualquer protagonismo.

Assim, o êxodo de milhares de pomeranos e o fim da Pomerânia do mapa europeu fizeram com que o idioma praticamente desaparecesse na Europa. No Brasil, ela chegou totalmente ignorada, pois muitos colonos não se identificaram como pomeranos nos órgãos de imigração, e também tiveram que conviver com o domínio da língua portuguesa, além da alemã.

Essa introdução histórica torna-se importante para retratar o movimento identitário que se seguiu e culminou na emancipação do município de Santa Maria de Jetibá, envolvendo iniciativas que resultaram na valorização do idioma trazido da terra de origem, o pomerano.

O estudo constitui-se de parte dos resultados de pesquisa de campo realizada no período 2013-2015, onde foi coletado amplo material, através de entrevistas (voz e imagem e voz) que servirão de base para projetos futuros. Um extenso trabalho foi realizado, dividido em duas etapas.

A primeira produzida com personagens ligados, direta ou indiretamente, no processo de oficialização da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá. O segundo momento abrangeu moradores da área rural do município.

Desta forma, as narrativas permitiram entender como os pomeranos de Santa Maria de Jetibá passaram de *outsiders* a estabelecidos, usando termos adotados por Elias & Scotson (2000), a partir da preservação da língua pomerana no reconhecimento da identidade dos descendentes de imigrantes pomeranos estabelecidos em Santa Maria de Jetibá e a contribuição da cooficialização do idioma pomerano no município nessa construção identitária.

A pesquisa teve como objetivo verificar se o movimento pela inclusão do idioma pomerano na educação esteve presente na base das lutas pelo reconhecimento do idioma pomerano, que resultou na sua cooficialização.

Os personagens aqui utilizados são os seguintes:

- Professora Marineuza Plaster Waiandt, à época da realização da entrevista Diretora da Escola Municipal Antônio Gonçalves, localizada em Alto Santa Maria, área rural de Santa Maria de Jetibá. É considerada a pessoa que iniciou o movimento pelo reconhecimento do idioma pomerano, pioneira no processo de criação do Proepo e autora do primeiro documento entregue à Secretaria Municipal

santa-mariense, explicando a importância de se lecionar de forma bilíngue, em pomerano e português;⁴

- Professora Guerlinda Westphal Passos, Coordenadora do Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo) em Santa Maria de Jetibá até 2016;
- Pastor Sidney Retz, pastor da Igreja Luterana, na Comunidade Alto São Sebastião, distrito de Santa Maria de Jetibá;
- Guilhermina Schumacher Holz, lavradora, na Comunidade Alto São Sebastião, distrito de Santa Maria de Jetibá;
- SÍntia Bausen Küster, Coordenadora do Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo) no município de Santa Maria de Jetibá entre 2005 e 2012. No momento da entrevista, estava no curso de Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente já concluído.

A LÍNGUA POMERANA COMO IDENTIDADE EM SANTA MARIA DE JETIBÁ

Ao chegarem ao Brasil, diversos dos imigrantes pomeranos foram registrados como prussianos ou alemães. Somente muitos anos mais tarde pôde ser realizada a diferenciação dos sobrenomes pomeranos, cujos representantes hoje vivem em alguns núcleos no Espírito Santo, nos estados da região Sul, um expressivo contingente no município de Espigão d'Oeste, em Rondônia, e há registro de comunidade localizada em Minas Gerais, município de Itueta (BEILKE, 2013)⁵.

É certo que muitos outros pomeranos se espalharam por todo território nacional. Entretanto, até o momento não há levantamentos oficiais que deem conta.

Mas este texto tratará exclusivamente do pomeranos de Santa Maria de Jetibá, que oficializaram sua língua nesse município capixaba, ao lado do idioma oficial do país, o português, a partir de meados do ano de 2009.

O município localiza-se na serra, cortada por diversos rios, que foram o principal meio de transporte de mercadorias e pessoas para a viabilização das primeiras ocupações na região, e fazia parte da então Colônia de Santa Leopoldina. Com o tempo, as redivisões administrativas ocorreram e um grande contingente de pomeranos permaneceu na localidade

⁴ O documento, entregue à Secretaria Municipal de Educação, não foi localizado. A cópia que a autora possuía foi destruída num incêndio ocorrido em sua residência, no ano de 2009. O papel desempenhado por Marineuza foi tão importante que hoje serve de base para pesquisas. Na área da Educação, por exemplo, a dissertação de mestrado elaborada por Edineia Koeler, intitulada *Uma Professora Pomerana e sua Comunidade*, foi defendida na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2016. Atualmente, Marineuza dedica-se, juntamente com seu marido, Helmut Waiandt, ao Memorial Waiands Huus, e se destaca por oferecer um passeio que conta um pouco da história do povo pomerano e faz o visitante se envolver com essa cultura.

⁵ No *paper* Pomerano: uma variedade Germânica em Minas Gerais, Neubiana Beilke, estuda a língua na Vila Neitzel, em Itueta. Embora ela apresente um quadro onde a Vila Neitzel tem *status* municipal, após consulta à página do IBGE, verifica-se tratar-se de uma Comunidade. Mas acessando a página oficial da Prefeitura ituteana, o topônimo é tratado como Distrito.

em que foi criado o distrito de Jequitibá, que posteriormente teve o nome mudado para Jetibá e também distrito de Santa Maria de Jetibá até que, em 1988, com este topônimo, levado a categoria de município, através de sua emancipação, e instalado em 1º de janeiro de 1989.

Com uma área de 735 km², Santa Maria de Jetibá situa-se no bioma Mata Atlântica, a 723,6 metros acima do nível do mar, então um ambiente bastante diferente da região de origem dos pomeranos – junto ao mar e terras baixas.

E... Quem são esses pomeranos santa-marienses que têm, na entrada do município, placa como o título ‘Cidade mais pomerana do Brasil’?

Para o alóctone, pode-se ler também: o município mais pomerano do Brasil. Mesmo sem saber como foi cunhado esse epíteto, é possível interpretar seu significado no imaginário de seus moradores.

A cooficialização da língua contribuiu na construção da identidade pomerana no contexto do município de Santa Maria de Jetibá, pois os pomeranos munícipes buscaram nessa cooficialização da língua o modo de fortalecer sua identidade local e como cidadãos brasileiros. Também foram identificados processos paralelos à aceitação da língua pomerana, tendo em vista a construção de uma nova identidade pomerana no país. Verifica-se, assim, que a legitimação da língua pode atuar como mecanismo de pertencimento e de reconhecimento pelo outro.

Na pesquisa de campo, em que foram entrevistadas pessoas envolvidas nos primeiros movimentos políticos pela educação em pomerano e tiveram papel relevante na cooficialização da língua pomerana na região que viria a se tornar o município de Santa Maria de Jetibá, percebeu-se a dominância da preocupação com a discussão das políticas públicas necessárias à consolidação das políticas que vigoravam a partir da oficialização, e também para o avanço dessas políticas, enquanto entre os entrevistados moradores das comunidades rurais a interpretação era a expectativa de que essas políticas públicas surgiriam como sequência da cooficialização, pois não acompanham de perto as discussões.

Ao propor discutir a confirmação da identidade pomerana em associação com o reconhecimento da língua pomerana, parte-se da construção ideológica promovida pelos descendentes pomeranos, considerando a cooficialização do idioma pomerano no município de Santa Maria de Jetibá, estado do Espírito Santo, com a entrada em vigor da lei número 1136, de 26 de junho de 2009, que tornou o pomerano língua oficial naquele município, juntamente com a língua portuguesa. Um dos pontos destacados na elaboração de políticas públicas é aqui analisada a partir da adoção do Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo), pela Secretaria Municipal, em parceria com mais cinco municípios do estado, onde

a língua pomerana também foi paulatinamente cooficializada, trazendo à reflexão os efeitos de línguas brasileiras nas identidades de uma comunidade. Viu-se, de início, que não se trata aqui de uma identidade, mas de várias, e com elas as identidades coletivas.

O termo reconhecimento significa ao mesmo tempo, no caso da língua pomerana, a aceitação solidária e a cooficialização. Ser uma língua cooficial significa ser legalmente uma entre muitas ao lado do português oficial. De fato, há casos de se cooficializar mais de uma língua ao lado do português nos atos públicos, bastando por ora o exemplo do município de São Gabriel da Cachoeira, onde são três as línguas cooficiais desde 2002.⁶ A aceitação solidária tem como base o amor, o reconhecimento do outro, e resulta no reconhecimento legal (Honneth, 2009).

A implementação do Programa de Educação Escolar Pomerano (Proepo), em 2005, surgiu da necessidade que a população, principalmente das comunidades localizadas na área rural, tinha em se comunicar na língua portuguesa, já que o idioma primeiro falado nessas localidades era o pomerano. Somente quando as crianças chegavam na escola começavam a aprender o português.

Marineuza Plaster Waiandt expõe diretamente a questão, como professora:

Eles [os alunos das escolas rurais] não falavam uma palavra de português. Chegavam na escola falando só pomerano.⁷

Guerlinda fala da mesma questão do ponto de vista de uma pomerana, ao lembrar que teve o pomerano como primeira língua.

Eu fui para a escola com sete anos, e eu não falava português. Eu não entendia o português. Eu só falava o pomerano. Porque na minha casa só se falava pomerano.⁸

Marineuza também viu a mesma adversidade de outro ponto de vista, como mãe de família:

[...] eu fiz questão de ensinar pomerano para eles [os seus três filhos biológicos e dois adotivos] [...] eles escrevem também. [...] foi a primeira língua que eles aprenderam a falar.⁹

Com a implantação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)¹⁰, o Proepo se fortaleceu sob a alegação de que o município ficaria muito prejudicado em seus indicadores pela baixa taxa de aprovação nessas primeiras séries. Como 65% da população

⁶ O município e Pomerode, Santa Catarina, teve oficializado o pomerano, em 2017, além do alemão, em vigor desde 2016. (IPOL, 2017)

⁷ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

⁸ Entrevista concedida por Guerlinda Westphal Passos.

⁹ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

¹⁰ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mede a qualidade do ensino básico nas escolas, em nível nacional, visando à sua melhoria. Detalhamento podem ser obtidos em <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica>.

santa-mariense vive no campo¹¹, tornou-se meta da Secretaria Municipal de Educação a lógica de introduzir uma metodologia educacional em que o idioma pomerano, em sua forma oral e escrita, permitisse desenvolver nas escolas públicas um projeto pedagógico em que o idioma atuasse como facilitador de aprendizagem.

Marineuza Plaster conta as dificuldades do aprendizado das crianças que têm como primeira língua o pomerano, quando chegam às salas de aula, bem como dos pais em se comunicarem sobre o dia a dia e suas dificuldades, pois toda primeira vivência desse grupo ocorre num mundo pomerano. Relata ela:

Foi um avanço muito grande para o município [a adoção do pomerano como língua cooficial]. Um avanço muito grande, principalmente, para as nossas crianças, que hoje elas se sentem, por exemplo, livres para chegar à secretaria [da escola] e falar comigo em pomerano; se dirigir a mim em pomerano, se dirigir ao meu secretário, que é pomerano. Essa liberdade que não existia antes, que a criança não podia falar, de as famílias chegarem, conversarem com a gente em pomerano, de chegar na escola e falar assim 'Eu quero falar com a diretora porque ela fala pomerano'. Então eu não vou falar com você porque eu tenho dificuldade de falar com você. Então, essas questões estão sendo maravilhosas...¹²

Nessa mesma entrevista, Marineuza conta os percalços pelos quais ela própria passou quando os colegas em sala de aula, durante os primeiros anos de escola, a provocavam.

Eu falava português com um sotaque muito forte. Então, eu era motivo de chacota dos meus colegas. Eles riam de mim, me imitavam.¹³

A fala de Marineuza evidencia como os pomeranos foram vítimas de preconceito e reprimidos, tanto na sua memória quanto na sua cultura. Depois, tiveram sua língua cerceada pela lei do Estado Novo¹⁴. Mesmo assim, o modo de viver desse povo e sua língua sobreviveram.

Esse projeto foi sendo construído no município se fortaleceu depois de sua apresentação durante o Seminário de Criação de Línguas, ocorrido no mês de março de 2006, em Brasília, sob promoção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados e Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL). O evento discutiu medidas para o reconhecimento da pluralidade linguística no país, dando os primeiros passos para a introdução da noção de pertencimento, através de um método de valorização e fortalecimento da cultura pomerana e a língua oral e escrita, e, dessa forma, ir numa direção para que outras políticas públicas fossem estabelecidas em nível municipal, e seu reconhecimento como de grande importância no cenário geográfico nacional.

¹¹ De acordo com os resultados do Recenseamento Geral do IBGE, em 2010 a população total de Santa Maria de Jetibá era de 34.176. Desta, 22.379 pessoas residiam na área rural do município.

¹² Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

¹³ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

¹⁴ Decreto-lei nº 406, de 04 de maio de 1938, durante o primeiro período ditatorial de Getúlio Vargas, que proibiu o ensino de qualquer outro idioma nas escolas senão o português.

A partir dessa apresentação em Brasília, o projeto de criação do Proepo amplificou, incluindo municípios cujas populações de ascendência pomerana também são expressivas. Outro fomentador desse processo de legitimação da língua pomerana foi o Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português, com cerca de 16 mil verbetes, de Ismael Tressmann. Antes do dicionário, lançado em 2006, não havia um parâmetro para uma ortografia e tradução em língua pomerana, o que dificultava uma homogeneidade no ensino da mesma.

A importância do trabalho que Tressmann conseguiu realizar se percebe em duas entrevistas. Na primeira, a professora Marineuza se refere a um aluno que tinha escrito um texto em pomerano, inventando a forma de se escrever, mas permitindo que ela o compreendesse.

...E um dia, eu me lembro como se fosse hoje, um aluno meu escondendo um caderno debaixo da mesa. E eu forcei, eu disse 'Não, você vai me dar o que você tem aí'. E quando eu olhei ele tinha produzido um texto maravilhoso, escrito em pomerano, da forma que ele falava ele escreveu... Mas o texto era maravilhoso; eu pedi para ele escrever esse texto em português e ele não conseguiu, porque ele não conseguia fazer a tradução. E a partir daquele momento eu comecei a trabalhar com eles [os alunos] da seguinte forma: a gente produzia em pomerano e repetia tudo para o português, na turma, no grupo. E foi a partir dali que se nasceu a ideia de se fazer alguma coisa de escrita em pomerano. E a partir daquele dia os meus alunos começaram a render, eles começaram a produzir. Teve um índice de aprovação muito maior do que eu tinha nos anos anteriores e, o melhor de tudo, eu tinha uma turma de alunos felizes...¹⁵

O outro caso é o do Pastor Sydney Retz, que criou seu próprio meio de se comunicar com os que falavam exclusivamente pomerano.

...Mas é uma grafia que eu consiga ler e entender na hora. E aí, eu tenho isso por escrito também. E aí, na hora de alguma dúvida eu recorro ao papel. Mas eu preparo tudo antes e quando tem umas palavras que a gente tem dúvida a gente pergunta para alguém...¹⁶

Segundo Freire (2004), a ação no campo pedagógico, com o desenvolvimento de programas e metodologias de ensino, é um dos pilares para desenvolver uma política de línguas. Outra condição apontada pelo autor é o estabelecimento de normas gramaticais, dicionários e alfabetos na língua em questão. Por fim, mas não menos importante, é preciso definir “os papéis de cada língua no contexto multilíngue, determinando seus usos e funções no âmbito público, com a elaboração de discursos legitimadores: eclesiásticos, jurídicos, eruditos” (FREIRE, 2004, p. 92).

Marineuza expressa bem essa carência que existia em Santa Maria de Jetibá:

Como é que você vai ensinar um aluno a valorizar, dentro do âmbito da escola, se você não escreve essa língua, que ela não existe em lugar nenhum?¹⁷

¹⁵ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

¹⁶ Entrevista concedida por Sydney Retz.

¹⁷ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

A elaboração do dicionário e, a partir dele, das obras escritas em pomerano, que aqui estão tratadas como discursos legitimadores, teve o envolvimento de professores, como e Marineuza Plaster. Diz ela:

Não [participei do dicionário] de forma direta. Mas de forma indireta. De sentar com o Ismael [Tressmann], de pensar ‘tal palavra deve ser escrita dessa forma’, ‘tal expressão deve ser dita dessa forma’, ‘isso daqui não é pomerano’, ‘isso daqui é não é a palavra, isso daqui é o plural da palavra já’. Porque aqui já havia uma confusão muito grande, né? Porque muitas palavras eram ditas já no plural, e havia a compreensão de que aquilo lá [o termo] era o singular e que deveria ter uma outra forma de plural.¹⁸

Marineuza prossegue:

Muitas vezes, também, na elaboração, por exemplo, da escrita. Eu batia o pé, eu dizia ‘isso não é assim, isso está errado, não é assim que se diz, não é assim que meu povo fala’.¹⁹

Marineuza produziu, ao longo da vida acadêmica, diversos livros para crianças em pomerano.

Fiz várias historinhas escritas em pomerano; só que elas não estão aqui hoje – elas estão comigo. Vários trabalhos. Traduzi algumas historinhas infantis, que eu trabalhava com educação infantil. Então, são umas historinhas. Escrevi outras. São trabalhos que estão comigo até hoje e não foram publicados.²⁰

Hoje, o Proepo está ativo nos municípios onde a língua pomerana é oficial. São eles Domingos Martins Itarana, Laranja da Terra, Pancas, Santa Maria de Jetibá e Vila Pavão.

Esse resgate de uma língua que encontrava-se praticamente apenas na oralidade, trouxe aos descendentes pomeranos a autoestima perdida, ou deixada embaixo de lembranças pouco positivas, e fê-los com que (re)aprendessem um idioma que encontrava-se somente na memória passada por gerações, ocasionando um hiato, pois houve um tempo em que as famílias não faziam questão de manter vivo o pomerano, se afastando de suas origens.

Os relatos de Sítia Küster e do Pastor Sydney demonstram isso:

O Proepo tem contribuído muito, assim, para revigorar mesmo, né? Que com todo esse processo de silenciamento da língua... Eu mesma tinha vergonha, falo a verdade, de dizer que falava pomerano. Hoje em dia tenho o maior orgulho! Então, esse trabalho veio, assim, para levantar a autoestima mesmo das pessoas...²¹

Eu fui aquele que saiu de casa para estudar, né? Eu também estou nessa...²²

As entrevistas também destacaram não pomeranos interessados em estudar a língua atualmente.

A Sra. Guilhermina Schumacher Holz conta o caso do seu vizinho. Ela observa que um não pomerano já entende a língua após ter se casado com uma descendente:

¹⁸ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

¹⁹ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

²⁰ Entrevista concedida por Marineuza Plaster Waiandt.

²¹ Entrevista concedida por Sítia Bausen Küster.

²² Entrevista concedida por Sidney Retz.

Agora, aqui tem o Zé Maria, aqui embaixo. Também é um bem moreno, né?, que casou com alemoa também, né? [...] Ele tem dois filha. Dois filhas, né?... Dois filha em língua pomerana e em língua brasileira [...] Ele também fala em língua pomerana também.²³

Além do pertencimento de identidade, as pessoas bilíngues, que dominam o pomerano e o português, passaram a ser mais valorizadas, pois representam a possibilidade de comunicação entre os monolíngues de uma e de outra língua. Os bilíngues também tenderão a ter seu mercado de trabalho ampliado, como de modo informal já acontece. Os monolíngues de português são poucos entre os pomeranos, basicamente aqueles que viveram o êxodo provocado pela necessidade de educação de nível mais alto e compõem o que foi chamado de perda linguística ou *gap* geracional.

Ter a língua pomerana cooficializada significa não apenas ter uma lei em vigor, mas ter sua regulamentação aprovada, delimitando os domínios bilíngues e monolíngues. Em Santa Maria de Jetibá, diferentemente de outros municípios capixabas onde a língua pomerana foi cooficializada, já está previsto que se podem promulgar leis que estejam exclusivamente em pomerano.

Por conseguinte, o reconhecimento é uma via de mão dupla, pois aquele que reconhece precisa ter sido reconhecido, o que amplia os domínios bilíngues. É isso que se verifica em Santa Maria de Jetibá, com o idioma pomerano conquistando áreas em que só se falava português, assim como o português passou a ocupar áreas onde só se falava pomerano.

Ser pomerano, nesse caso, é falar pomerano. Cada pomerano fala de ser pomerano.

Essa oficialização da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá mostra que ocorreu a troca de uma Pomerânia política, no norte da Europa, onde se encontravam seus antepassados, pela Pomerânia da memória que não deixaram que se perdesse.

CONCLUSÃO

Em todas as famílias pomeranas santa-marienses está viva a lembrança dos pioneiros e de suas dificuldades. Parece ser um monumento dessa fase o conhecido *bröt*, pão da tradição pomerano-brasileira, e não mais com trigo, como na terra Pomerânia europeia, já que é feito com matéria-prima local, como mandioca, inhame, e assado em folha de bananeira.

Surge uma adaptação possível do conhecido ditado pomerano: “Para a primeira geração a morte. Para a segunda geração a miséria. Para a terceira geração, o pão.”²⁴ Os

²³ Entrevista concedida por Guilhermina Schumacher Holz.

²⁴ Para a primeira geração a morte./Para a segunda geração a miséria./Para a terceira geração, o pão. (versão de Lilian Stein). Entretanto, outros autores adotam outras versões: (i) For dai airsta, de doud./For dai twaida, dai noude./ For dai drira, dat broud.(Aos primeiros, a morte/Aos segundos, a miséria/sofrimento./Aos últimos

pomeranos da Santa Maria de Jetibá de hoje são de uma geração ainda mais nova, em que a passagem geracional está relacionada com a situação da língua, tendo como exemplo o caso da educação. Assim, como se o pomerano se tornasse a língua pomerana, para uma geração, a morte, proibido no ensino escolar e no ensino religioso; para a geração seguinte, a permissão para usar o pomerano nas escolas, como resultado da implementação do Proepo; para a geração de agora, um município que decidiu promover o uso do pomerano em pé de igualdade com a língua portuguesa, inclusive na escola.

Numa metáfora dos percalços dos pomeranos recém-saídos da Europa até chegarem às terras que lhes foram destinadas no Brasil, a aceitação do pomerano como língua estabelecida já enfrenta as primeiras dificuldades de implementação das medidas que virão no rastro da regulamentação. O Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo) mostrou-se neste caso um exemplo de política pública municipal de sucesso, pois foi o principal veículo de mudanças, entre as quais a própria cooficialização. Porém, as entrevistas revelaram que é preciso estender ações para além do Proepo, regulamentando, por exemplo, a obrigatoriedade de haver um falante de pomerano nos estabelecimentos comerciais e nos serviços de saúde.

Há dois caminhos para atender a essa demanda específica que será criada com tal regulamentação: considerando-a ou (i) como cotas para os membros da comunidade étnica pomerana local ou (ii) fazendo-se acompanhar da promoção de cursos e outras atividades de divulgação do pomerano no município. As iniciativas nesse sentido deram certo, como o curso de pomerano na faculdade local, mas não permaneceram. Se as considerarmos como cota para os pomeranos, eles estarão sendo distinguidos pela condição de falarem pomerano. Mais uma vez, é a língua pomerana o fulcro de qualquer política pública nesse sentido. O resgate dos sobrenomes nos registros de imigração, por exemplo, foi um importante movimento identitário associado também com a língua.

Primeiramente, o idioma pomerano predominou na zona rural. Com a urbanização de algumas áreas com comunidades pomeranas, o idioma pomerano – como de resto os costumes e tradições – foi quase condenado à extinção por uma geração que, tanto quanto seus pais, sentiu na escola o preconceito dos colegas por não falarem português, pois era normal entre as famílias pomeranas que as crianças antes aprendessem pomerano falado em casa, indo adquirir o português somente após ingressar no ensino formal das escolas. Evidentemente que o custo de aprender português ao mesmo tempo em que era alfabetizado nessa língua foi muito alto e certamente custou o baixo rendimento ou a perda de interesse de alguns alunos.

(terceiros, o pão. (Tressmann ,2005); (ii) Den Ersten, den Tod./Dern Zweiten, die Not./Den Drietten, das Brot.(Aos primeiros, a morte. Aos segundos, a miséria./Aos terceiros, o pão. (Bahia, 2011).

O preconceito também aparecia nas relações socioeconômicas – a desconfiança já faz parte da negociação do lado dos pomeranos que, de acordo com outra triste tradição, foram muitas vezes ludibriados por não saberem falar português, segundo afirmam muitos. Essa situação ainda permanece, por exemplo, no comércio e nos bancos, locais que procuram ter funcionários que falam pomerano a fim de não perderem clientes monolíngues ou “desconfiados”.

Num segundo momento, o pomerano foi aceito informalmente na escola, numa iniciativa isolada de uma professora e passou-se assim algum tempo até que seus defensores conseguissem que fosse aceito formalmente e impulsionado pelo Proepo. A necessidade da escrita pomerana era sentida nos diversos setores, mas foi na escola que surgiu uma relação muito próxima do uso do pomerano. Então, a partir dela surge a escrita pomerana, o dicionário e a gramática da língua pomerana, sistematizados, e hoje utilizados nas aulas de pomerano na escola regular.

Por fim, num terceiro momento, viu-se o idioma renascer quando, por uma iniciativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, responsável pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), o pomerano foi incluído entre as línguas brasileiras. Apenas isso já permite afirmar que o pomerano não existe na Europa como existe aqui, onde seus apoiadores construíram seu dicionário e sua gramática, partindo de uma língua ágrafa, ou seja, apenas falada. E tudo isso se deu em Santa Maria de Jetibá, que antes foi Jetibá e Jequitibá.

Desta forma, é possível entender a língua como elemento de construção da identidade de um povo, sendo, então, um instrumento de reconhecimento em dimensões distintas: o amor, que gera a confiança; as relações jurídicas, que decorrem do reconhecimento da autonomia do outro; e a solidariedade social, quando se parte do indivíduo para o grupo social, para a comunidade, isto é, do micro para o macro.

Santa Maria de Jetibá, pode-se concluir, tem razões para ser chamada a cidade mais pomerana do Brasil porque desde o início da colonização do estado do Espírito Santo, Alto Santa Maria e outras localidades abrigaram imigrantes pomeranos que foram encaminhados para a região onde hoje está localizado o município de Santa Maria de Jetibá. Na verdade, o município iniciou sua trajetória na condição de um aglomerado de terras que foram entregues aos pomeranos que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, passou a comunidade, a distrito e posteriormente à condição de município onde teve lugar a iniciativa de ter o pomerano reconhecido como língua oficial ao lado do português. Os incentivadores

dessa ideia iniciaram esse movimento muito antes de ele se configurar como uma questão linguística, quando era um problema de reconhecimento.

O isolamento em que se manteve o grupo se deveu às dificuldades de transporte que ao mesmo tempo permitiu que ali se configurassem características causadoras de um fenômeno que merece destaque, permitindo concluir, senão considerar, que a solidariedade está na raiz do processo pesquisado, sendo este um dos elementos característicos de uma comunidade étnica integrada em um país. As situações adversas criaram traumas, mas também fizeram com que ali se configurasse uma comunidade étnica, no âmbito da qual eles experimentaram suas memórias, compartilharam suas histórias, praticaram a solidariedade, lutaram pelo reconhecimento de sua etnia. Além disso, a ligação com a terra e a necessidade de produzir para sua própria subsistência fê-los grandes produtores rurais e economicamente fortes.

De estranhos para os demais das redondezas, os pomeranos santa-marienses tornaram-se primeiramente líderes políticos capazes de transformar um distrito de *outsiders* em um município de estabelecidos. O fato de terem ficado tão longe dos centros urbanos, isolados e estigmatizados, fez com que os laços de amor se fortalecessem de modo a formar uma superfamília que, conforme se discutiu aqui, pode ser alicerçada sobre a língua pomerana, ali mantida mais preservada do que em outras localidades. A solidariedade inicial se mantém no direito que agora descobrem os santa-marienses ser passível de fundar uma identidade pomerana e brasileira.

Finalizando, este trabalho mostra como o sentimento de pertencimento dos pomeranos do município de Santa Maria de Jetibá se alterou após quase quatro décadas desde as primeiras pesquisas e dados sobre essa comunidade étnica. Tal transformação deve ser creditada ao movimento iniciado nessas reuniões deixadas ao esquecimento pelo governo central de Santa Leopoldina que, antes tão forte, não percebeu o caminho encontrado por esses pomeranos *outsiders*, ao contrário do que se poderia esperar. Esse grupo, que era tratado como socialmente inferior, com seus modos tão peculiares que serviam de chacota para os demais grupos se fortaleceu não só na economia do setor primário, hoje sendo Santa Maria de Jetibá um dos líderes na produção de ovos de galinha do país, criando uma metodologia muito própria para transpor suas dificuldades linguísticas e se impor como cultura local predominante num país multicultural e multilinguístico.

Pode-se dizer que o santa-mariense é, portanto, o mais pomerano do Brasil, com suas raízes aqui, mas com o imaginário e o coração numa Pomerânia construída por uma língua oficializada e falada junto com o “brasileiro”.

BIBLIOGRAFIA:

BEILKE, Neubiana Silva Veloso. **Pomerano: uma variedade germânica em Minas Gerais**. *In: Anais do SILEL*. Volume 3 Número 1, Uberlândia : EDUFU, 2013.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.

CARVALHO, Regina Hees. **Santa Maria de Jetibá. Uma comunidade teuto-capixaba**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 1978.

FISCHER, Georg. **Imigrantes de língua alemã e as visões do paraíso da elite capixaba (1847-1862)**. *In: Revista Espaço Plural*, Ano IX, Nº 19, 2º Semestre 2008 (ISSN 1518-4196), p.59-66.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes no Espírito Santo: base de dados da imigração no Espírito Santo nos séculos XIX e XX**. *In: Lazzaro, Agostinho (org.)*, Vitória : Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel – a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: A gramática social dos conflitos sociais**. São Paulo: 34, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em www.ibge.gov.br.

Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. **Lista de línguas cooficiais em municípios brasileiros**. Disponível em www.e-ipol.org.

MELO, Sandra Márcia de. **Pomerano: identidade e língua**. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

REIS, Cacilda Estevão dos; ANDRADE, Solange Ramos. **A imigração europeia nos discursos da elite política brasileira**. Disponível em www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br, S/D.

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobindo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia**. Vitória : UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; RODRIGUES, Letícia Mazzelli. **A língua pomerana em percurso histórico brasileiro: uma variedade (neo)autóctone**. 2017. International DOI Foundation (IDF). Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2017v118n1p6>.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito**. *In: Fausto, Boris (org.)*, Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina. São Paulo : Editora Universidade de São Paulo, 2000.
